

# Termo, conceito e relações conceituais: um estudo das propostas de Dahlberg e Hjørland

## **Maria Antônia Fonseca Melo**

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB) - Brasília, DF - Brasil.

Bibliotecária da Câmara dos Deputados - Brasília, DF - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/4218114587702860>

*E-mail:* mariantoniadf@gmail.com

## **Marisa Bräscher**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB) - Brasília, DF - Brasil. Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/8951909489273046>

*E-mail:* marisa.brascher@gmail.com

Recebido em: 10/07/2014. Aprovado em: 30/06/2015. Publicado em: 15/01/2016.

## **Resumo**

Propõe uma análise teórico-comparativa da influência do posicionamento epistemológico de dois importantes teóricos do estudo do conceito na ciência da informação: Ingertraut Dahlberg e Birger Hjørland. A identificação da influência das correntes positivista e pragmática no posicionamento epistemológico de Dahlberg e Hjørland foi realizada com a análise da produção científica dos dois autores quanto aos elementos principais da representação temática da informação: conceito, termo e relacionamento, além da definição de cada teórico para o que considera organização do conhecimento. Observa-se que os estudos de Dahlberg apresentam características do pensamento positivista e Hjørland segue uma linha pragmatista. Ressalta-se que não há oposição, mas sim a convivência de abordagens teóricas numa busca pela compreensão dos complexos processos de organização do conhecimento. Entende-se a coexistência de abordagens teóricas como relevante contribuição para a prática da organização do conhecimento, pois a complexidade e a interdisciplinaridade do estudo do conceito demandam perspectivas epistemológicas diversas, como a positivista e a pragmática, para análise dos conceitos e relacionamentos semânticos em diferentes contextos sociais e culturais.

**Palavras-chave:** Organização do conhecimento. Pragmatismo. Positivismo. Conceito. Relações conceituais. Ingetraut Dahlberg. Birger Hjørland.

## ***Term, concept and conceptual relationships: a study of Dahlberg's and Hjørland's proposals***

### **Abstract**

*Proposes a theoretical and comparative analysis of the epistemological approach of two important researchers: Ingetraut Dahlberg and Birger Hjørland. The identification of the influence of positivist and pragmatic currents in the epistemological positioning of Dahlberg and Hjørland was performed by analyzing the scholarly production of both authors on the main elements of the thematic representation of information: concept, term and relationship, as well as the definition of each researcher for what they consider knowledge organization. It is observed that the Dahlberg studies have positivist thinking features and Hjørland follows a pragmatic line. However, there is no opposition, but the coexistence of theoretical approaches, necessary for the understanding of the complex processes of knowledge organization. The coexistence of theoretical approaches is a relevant contribution to the practice of knowledge organization, as the complexity and interdisciplinary nature of the study on concept demand multiple epistemological approaches, such as positivist and pragmatic, in order to analyze concepts and semantic relationships in different social and cultural contexts.*

**Keywords:** Knowledge organization. Pragmatism. Positivism. Concept. Conceptual relationships. Ingetraut Dahlberg. Birger Hjørland

## **Término, concepto y relaciones conceptuales: un estudio de las propuestas de Dahlberg y Hjørland**

### **Resumen**

*Propone análisis teórico y comparativo de la influencia del posicionamiento epistemológico de dos importantes teóricos del estudio de concepto en la ciencia de la información: Ingertraut Dahlberg y Birger Hjørland. La identificación de la influencia de las corrientes positivista y pragmática en el posicionamiento epistemológico de Dahlberg y Hjørland fue realizada con el análisis de la producción científica de los dos autores cuanto a elementos principales de la representación temática de la información: concepto, término y relacionamiento, además de la definición de cada teórico para lo que considera organización del conocimiento. Los estudios de Dahlberg presentan características del pensamiento positivista y Hjørland sigue una línea pragmatista. No hay oposición, pero sí la convivencia de abordajes teóricos en una búsqueda por comprender los complejos procesos de organización del conocimiento. La coexistencia de abordajes teóricos es relevante contribución para la práctica de la organización del conocimiento, pues la complejidad y la interdisciplinariedad del estudio sobre el concepto demandan perspectivas epistemológicas diversas, como la positivista e la pragmática, para analizar los conceptos y relacionamientos semánticos en diferentes contextos sociales y culturales.*

**Palabras clave:** Organización del conocimiento. Pragmatismo. Positivismo. Concepto. Relaciones conceptuales. Ingertraut Dahlberg. Birger Hjørland.

## **INTRODUÇÃO**

A representação temática da informação é um tipo de representação de nível secundário que desempenha a função de substituir o conteúdo do objeto informacional por um conjunto de elementos descritivos decorrentes da análise conceitual e síntese dos assuntos que apresentam.

A análise conceitual é uma das etapas da representação temática da informação e consiste, basicamente, na identificação, compreensão e seleção de conceitos que possam representar o conteúdo. Trata-se de uma atividade intelectual importante e decisiva para a recuperação da informação, pois envolve a compreensão de significados implícitos de um objeto informacional.

Após a análise conceitual, os conceitos selecionados são sintetizados em termos significativos (assuntos) que refletem a essência conceitual do objeto informacional. Para que haja correspondência de significados, na representação e recuperação da informação são utilizados os sistemas de organização do conhecimento (SOC). Sistemas de classificação bibliográfica, tesouros, taxonomias e ontologias são tipos de SOC que desempenham a função de subsidiar os processos de organização e recuperação da informação com a padronização dos termos

empregados para representar os conceitos, delimitação do significado a ser interpretado e indicação precisa dos relacionamentos semânticos entre conceitos.

Como podemos observar pela breve descrição da representação temática da informação e dos SOC, o conceito se faz presente como elemento fundamental nesse contexto. Neste trabalho, partimos do pressuposto de que as abordagens teóricas sobre o conceito podem influenciar os processos de organização e representação da informação e do conhecimento. Dessa maneira, estudos epistemológicos são imprescindíveis para o processo de representação por conceitos. Por isso, propomos uma análise teórico-comparativa da influência do posicionamento epistemológico de dois importantes teóricos do estudo do conceito na ciência da informação: Ingertraut Dahlberg e Birger Hjørland.

No estudo do conceito e suas relações no contexto da ciência da informação, apreende-se que há, dentre outras, as abordagens positivista e pragmática. Ingertraut Dahlberg e Birger Hjørland são autores representativos nessa temática, em cujos trabalhos podemos perceber a adesão a uma dessas duas abordagens, como trataremos neste artigo.

## ESTUDOS SOBRE O CONCEITO

Ao analisar os princípios comuns entre a Teoria da Classificação Facetada de Shialy Ramamrita Ranganathan, a Teoria Geral da Terminologia de Eugen Wüster e a Teoria do Conceito de Ingetraut Dahlberg, Campos (2001) apresentou os elementos que estão na base da formação dos instrumentos utilizados para representar o conteúdo do objeto informacional: conceito, termo e as relações entre conceitos.

Corroborando este pensamento, Bräscher e Carlan (2010) analisaram as semelhanças e diferenças entre sistemas de classificação, tesouros, taxonomias e ontologias. As autoras constataram que, apesar de serem utilizados de forma diversa (de acordo com a aplicação pretendida), os conceitos, termos e relacionamentos são os principais elementos da estrutura sistemática de cada um desses instrumentos.

Consideramos que a identificação desses elementos nos diferentes tipos de sistemas de organização do conhecimento é uma evidência de que a representação temática da informação baseia-se no componente essencial do conhecimento: o conceito.

De acordo com Hjørland (2009) e Francelin (2010), as pesquisas sobre conceito iniciaram-se na antiguidade grega com Platão (428-348 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) que, ao se perguntarem sobre o conceito das coisas existentes no mundo, desenvolveram estudos filosóficos sobre a natureza e a origem dos conceitos.

No período clássico da filosofia grega, a concepção de conceito (*logos*) se refere ao que circunscreve ou define a *substância* ou a *essência* necessária de uma coisa, sendo a estrutura necessária do ser, aquilo pelo qual todo ser não pode ser diferente do que é devido às suas características constitutivas universais. Para Aristóteles, os conceitos diferem das palavras e das coisas por terem uma realidade mental; conceito é o modo como os homens organizam mentalmente todas as coisas existentes. (ABBAGNANO, 2003)

Ao lançar os fundamentos da lógica formal e enumerar as dez *categorias* (substância, quantidade, qualidade, relação, tempo, lugar, posição, estado, ação e paixão) em que podemos situar as ideias que temos das coisas, Aristóteles desenvolveu um quadro sistemático sobre o conhecimento, suas representações por meio de conceitos e a organização dos elementos do mundo, que influenciou, de maneira relevante, quase todos os outros estudos sobre o conceito até a contemporaneidade. (FRANCELIN, 2010).

Assim, a filosofia foi a área do conhecimento que iniciou os estudos sobre a gênese e formação de conceitos. Porém, ao longo da história do pensamento científico, o conceito tornou-se objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento: lógica, semântica, linguística, terminologia, psicologia, ciência da informação, entre outras, o que permite caracterizá-lo como um objeto de natureza interdisciplinar, relacionado à cognição humana e à noção de significado.

Inferimos que a diversidade de estudos sobre o conceito decorre de ser caracterizado como o elemento básico e essencial do conhecimento, portanto, objeto de interesse de várias áreas do conhecimento. Devido à complexidade e generalidade desse objeto, os estudos sobre o conceito demonstram variações de abordagens e dificuldades em defini-lo. Como resultado, tem-se uma multiplicidade de definições para o termo conceito que evidenciam ambiguidades e a inexistência de consenso em sua concepção.

A ideia de generalidade e universalidade do conceito é compartilhada por Nicola Abbagnano (2003) que, em seu dicionário de filosofia, define conceito como

Todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis. Assim entendido, esse termo tem significado generalíssimo e pode incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja qual for o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou distante, universal ou individual, etc. [...] Embora o conceito seja normalmente indicado por um nome não é o nome, já que diferentes nomes podem exprimir o mesmo conceito ou diferentes conceitos podem ser indicados, por equívoco, pelo mesmo nome. [...] O conceito tampouco

se refere necessariamente a coisas ou fatos reais, já que pode haver conceito de coisas inexistentes ou passadas, cuja existência não é verificável nem tem um sentido específico. Enfim, o alegado caráter de *universalidade subjetiva* ou validade intersubjetiva do conceito na realidade é simplesmente a sua *comunicabilidade* de signo linguístico: a função primeira e fundamental do conceito é a mesma da linguagem, isto é, a comunicação. (ABBAGNANO, 2003, p. 164, grifo do autor).

Não pretendemos, no âmbito deste artigo, discutir os diferentes posicionamentos filosóficos e científicos sobre o conceito, apresentamos apenas uma abordagem preliminar com o objetivo de contextualizar a perspectiva do conceito como a unidade principal da representação temática da informação.

É importante destacar a necessidade de distinção entre conceito, palavra, coisa e assunto nos estudos de representação do conhecimento. Como já referido por Abbagnano nas citações anteriores, o conceito não se limita ao universo da palavra e das coisas, embora se apresente por meio de um signo e, às vezes, se refira a algo existente na realidade. A existência do conceito prescinde a designação e a materialidade por estar situado no plano das ideias. Desde as primeiras investigações filosóficas, os conceitos são considerados uma espécie de “elo” entre a realidade mental e a realidade externa, sendo inexoravelmente associados ao ato da representação.

A distinção entre conceito e palavra é abordada por Hjørland (2007) em relação à quantidade de significados que cada um expressa: um conceito expressa apenas um significado; enquanto palavras diferentes podem ter o mesmo significado e palavras similares podem ter diferentes significados.

Do mesmo modo, o conceito deve ser distinguido do assunto, um termo amplamente utilizado no tratamento temático da informação devido à sua relação intrínseca com os conceitos expressos pelos autores em um objeto informacional. Analisando os níveis de classificação da representação da informação propostos por Alvarenga (2003), podemos afirmar que os conceitos estão para a representação primária assim como os assuntos estão para a representação secundária da informação.

Ambos provêm de um processo cognitivo humano com a finalidade da representação, porém, o assunto restringe-se à representação do conteúdo de um objeto informacional, enquanto o conceito se faz presente tanto na representação mental das “coisas do mundo” quanto na representação temática da informação.

Na ciência da informação, relevantes contribuições sobre a natureza do conceito vieram dos estudos teóricos de Ingetraut Dahlberg, numa visão orientada para a abordagem positivista, e de Birger Hjørland, que tem um posicionamento mais voltado para o pragmatismo. Partindo desse pressuposto, traçamos as características dessas correntes filosóficas, analisamos a sua repercussão na ciência da informação e identificamos a influência de cada corrente no posicionamento epistemológico dos principais teóricos do estudo do conceito na área de organização da informação e do conhecimento.

## VISÃO POSITIVISTA

O positivismo é uma corrente filosófica, fundada por Auguste Comte (1798-1857), que dominou o pensamento do século XIX. Comte preconizou a objetividade, o dogmatismo, o essencialismo e o representacionismo como características fundamentais do positivismo para a ciência moderna. Em busca da verdade como correspondência da realidade, o pensamento positivista parte da lógica da objetividade para definir uma essência para as coisas que existem por si mesmas. E, seguindo o método científico clássico da verificação, separa o sujeito do objeto a fim de evitar que a verdade se contamine dos significados contextuais e deixe de ser uma representação acurada da realidade. Nessa linha de pensamento, a certeza é o horizonte e a incerteza um entrave à busca das leis universais que regem tanto a natureza quanto a realidade social (SALDANHA, 2010).

O pensamento positivista influencia a ciência da informação desde a sua concepção como ciência que tem por objeto de estudo a informação. Nessa abordagem, o conhecimento é uma tentativa de representar a realidade por meio da linguagem formal e, a informação – uma entidade que tem um significado e

uma importância por si mesma, independentemente de contextos múltiplos e mutantes – é um objeto tangível que pode ser reduzido à representação. Recorrendo a normas e técnicas dinâmicas de classificação e de controle da produção documental, o profissional responsável pela organização do conhecimento atua, na visão positivista, como mediador de sistemas de representação da informação (SALDANHA, 2008).

A partir dos horizontes do positivismo, a ciência da informação admite a possibilidade de uma organização ideal do conhecimento por meio da representação objetiva do significado (essência) de um termo. Porém, nessa perspectiva, o profissional organizador do conhecimento acaba se afastando do homem e de seus discursos subjetivos para imergir nas normas e técnicas de representação do objeto informação. Negligenciando teorias e paradigmas conflitantes, a visão positivista considera que os profissionais da informação são capazes de representar objetivamente, por meio da aplicação de princípios lógicos, fatos verdadeiros sobre o conhecimento.

Na década de 1970, Dahlberg sistematizou e formalizou a Teoria do Conceito, com base na Teoria Geral da Terminologia<sup>1</sup> de Eugene Wüster e na Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan. Esses estudos foram identificados por Francelin e Kobashi (2011) como predominantes em artigos de pesquisadores brasileiros sobre o tema “conceito” na área de organização da informação e do conhecimento.

<sup>1</sup>“Em síntese, a Teoria Geral da Terminologia (TGT) é uma teoria de caráter prescritivo, pautada em uma linguagem ‘ideal’ que desconsidera a flexibilidade efetiva do processo comunicativo no ambiente especializado, e visa a normatização (padronização) internacional dos termos especializados. (...) Cabré (1999) ressalta que a perspectiva prescritiva e normativa da TGT limita a comunicação profissional devido à inflexibilidade ao se tratar os termos, seus conceitos e características. Para a autora, esse reducionismo ocorre devido às crenças idealistas de que os conceitos preexistem às expressões; de que o conhecimento tecnocientífico é uniforme e universal; de que a estruturação de um campo de conhecimento independe de seu contexto; de que os âmbitos especializados são neutros e consensuais; e a crença de que o termo normalizado apresenta as características mais significativas para todas as situações”. (SALES, 2007, p. 108-109)

Dentre os resultados de seu trabalho, os autores supracitados revelam que as linhas de força teóricas dos estudos de Dahlberg, Wüster e Ranganathan

estão calcadas, fundamentalmente, na lógica aristotélica, mais bem representada pelas *categorias*, e pelo princípio de fixação da linguagem ou conceitos por meio de juízos e proposições verdadeiras, características básicas da filosofia analítica e do positivismo lógico. (FRANCELIN; KOBASHI, 2011, p. 222, grifo do autor).

A Teoria do Conceito fundamentou a determinação de conceitos e o estabelecimento de relações entre eles em um sistema conceitual de organização do conhecimento. Em clássico artigo, Dahlberg (1978b, p. 102) define conceito como “a compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto, fixada por um símbolo linguístico”. Em artigo recente, Dahlberg (2011, p. 69, tradução nossa) ratifica essa definição ao afirmar que “unidade do conhecimento (conceito) é a síntese de características essenciais de um referente que é representado por designações (termos, nomes, códigos)”.

Na Teoria do Conceito desenvolvida por Dahlberg, o conceito é uma unidade do conhecimento e só pode ser determinado a partir da junção dos três elementos que o constitui: item de referência (referente), propriedades (síntese de características) e termo (designações).

Depreende-se dessa concepção tríade de conceito a função sintetizadora que o termo desempenha como elemento representativo e indissociável do conceito no processo de comunicação. Porém, a distinção entre conceito e termo merece ser evidenciada a fim de evitar o uso inadequado dessas terminologias. Dahlberg (1978a, p. 144, tradução nossa) corrobora essa distinção ao definir termo como a forma verbal de um conceito, “o componente que, convenientemente, sintetiza e representa um conceito com o propósito de designá-lo e comunicá-lo”.

Os relacionamentos entre conceitos surgem a partir das características iguais, semelhantes ou dependentes funcionalmente de um conceito em relação a outro. Esses relacionamentos servem como um recurso de construção de



um sistema conceitual e foram classificados por Dahlberg (2012) em quatro tipos: relações abstrativas/genéricas (gênero-espécie); relações partitivas (relações constitutivas: todo-parte); relações complementares; e relações funcionais.

No que se refere à organização do conhecimento, Dahlberg (2006, tradução nossa) a compreende como “a ciência que estrutura e organiza sistematicamente unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento inerentes (características) e a aplicação de conceitos e classes de conceitos ordenados dessa forma para a atribuição de conteúdos de referentes (objetos/assuntos) de todos os tipos”.

Analisando as definições supracitadas, notamos a influência do positivismo no posicionamento epistemológico de Dahlberg sobre o estudo do conceito e seus relacionamentos. Assim como na corrente filosófica positivista, a visão de Dahlberg busca conceitos universais que correspondam à verdade e possam ser uma representação acurada da realidade. Podemos dizer que Dahlberg parte de uma organização ideal do conhecimento por meio da lógica da objetividade para definir a essência (síntese de características) de um item de referência e a sua designação verbal. Nesta visão, os conceitos são estáticos, verificáveis, exatos e gerais, limitando-se ao propósito estabelecido inicialmente na construção de um sistema conceitual de organização do conhecimento.

A partir disso, concordamos com Francelin (2010) quando aponta que a Teoria Geral da Terminologia de Wüster e a Teoria do Conceito de Dahlberg defendem as posições positivistas e normativas. E compartilhamos da ideia de Francelin (2010) de que é importante discutir criticamente as propostas de autores clássicos, como Ranganathan, Wüster e Dahlberg – que predominam na organização de sistemas de conceitos, cuja base é analítica e lógico-positivista –, confrontando-as com as teorias pragmáticas presentes na Teoria Comunicativa da Terminologia de Maria Teresa Cabré e na Teoria da Socioterminologia de François Gaudin.

## VISÃO PRAGMÁTICA

A origem do pragmatismo remonta aos estudos de Charles Sanders Peirce (1839-1914) desenvolvidos no final do século XIX e início do século XX. É uma corrente filosófica estruturalmente relacionada aos estudos da linguagem como ação, cujo foco é a compreensão do significado dos termos (proposições) a partir da sua vivência ou do uso em diálogos específicos.

Logo, o enfoque pragmático reconhece que a verdade é contextual – só pode existir em determinado ambiente de atuação – e compreende a realidade como uma construção social formada pela multiplicidade de tradições, perspectivas ideológicas, utopias, instituições políticas e organizações sociais. Nesse contexto, a incerteza é um caminho ao conhecimento e a certeza a impossibilidade de continuar percorrendo o mesmo. O absoluto dá lugar ao contextual e o que legitima a produção da ciência não é mais a definição a *priori* de verdades, mas sim o tecido coletivo dos discursos. (SALDANHA, 2010, 2011).

Na ciência da informação, o pragmatismo foi iniciado em meados dos anos 1980 (CAPURRO, 2003) e introduziu uma abordagem diferenciada para a análise do objeto de estudo e finalidade dessa ciência. Partindo da premissa de que o conhecimento é uma construção compartilhada de significados em uma realidade específica, o enfoque pragmático abandona a ideia de uma noção definitiva de informação e passa a considerá-la uma ação cujo significado é construído a partir dos contextos sociais e culturais de uso dos saberes em cada comunidade discursiva (SALDANHA, 2008). No que se refere à função do profissional da informação, Saldanha (2011) afirma que a tradição pragmática requer que o organizador do conhecimento apresente-se, primeiramente, como intérprete, e não apenas mediador, dos significados das narrativas dos conteúdos dos artefatos culturais.

Araújo (2003, p. 25) aponta o trabalho de Berger e Luckmann (1985) como o precursor dessa compreensão da informação “como um processo, como algo que vai ser percebido e compreendido

de variadas formas de acordo com os sujeitos que estão em relação”. Saldanha (2011) indica os diferentes significantes gerados pela presença da filosofia pragmatista nos estudos sobre a informação: paradigma social (CAPURRO, 2003), enfoques microsociológicos e interpretativos (ARAÚJO, 2003) e abordagem comunicacional (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996).

Assim, o pragmatismo promove um reencontro do sujeito com o objeto de estudo da ciência da informação. Compreende que somente uma interpretação profunda do homem em suas relações sociais possibilita analisar e organizar a construção coletiva do conhecimento. Ao relativizar o conceito de informação e condicioná-lo aos seus usos sociais, o pragmatismo amplia o escopo de atuação da ciência da informação e transforma a maneira como ela concebe e estuda seu objeto de estudo: o mundo informacional construído pelo homem.

Sob o olhar pragmatista informacional, Birger Hjørland desenvolve estudos sobre o conceito. Em contraponto à visão positivista, Hjørland e Albrechtsen (1995) formularam uma abordagem social, funcionalista e filosófico-realista para a ciência da informação, denominada “análise de domínio” que estava latente em alguns estudos anteriores. A abordagem análise de domínio afirma que a melhor maneira de compreender a informação em ciência da informação é estudar os domínios de conhecimento como o pensamento ou os discursos das comunidades.

Hjørland (1997) esclarece que nessa abordagem a informação deve ser analisada, descrita e representada nos sistemas de informação de acordo com domínios específicos do conhecimento. Hjørland (2007) ratifica essa abordagem ao alertar que as estruturas semânticas em ciência da informação não podem ser estabelecidas, simplesmente, por estudos de linguagem natural. Considerando a relatividade cultural no significado das palavras, Hjørland ressalta a necessidade de estudos dos domínios específicos do conhecimento para o desenvolvimento de estruturas semânticas que possam ser aplicadas em domínios diferentes, mas, também, difundidas para as linguagens em geral.

Em seu artigo intitulado “Teoria do conceito”, Hjørland (2009) apresenta uma visão social para os conceitos, cujos significados devem ser identificados por estudos dos discursos, em vez de estudar usuários individuais ou princípios a *priori*. Para Hjørland (2009), os conceitos são significados dinamicamente construídos e negociados que classificam o mundo de acordo com os interesses e teorias. Segundo o autor, conceitos não podem ser entendidos isolados dos interesses e teorias que motivaram sua construção, pois, em geral, há concepções e conceitos concorrentes em todos os domínios do conhecimento.

Essa percepção pragmática de que propósitos diferentes requerem diferentes conceitos (relatividade conceitual) é destacada por Hjørland, ao citar a definição similar de conceito formulada pelo cientista da computação Jonh F. Sowa:

Conceitos são invenções da mente humana usados para construir um modelo de mundo. Eles empacotam a realidade em unidades discretas para posterior processamento, suportam mecanismos poderosos para fazer lógica e são indispensáveis para cadeias de raciocínio extensas e precisas. Mas os conceitos não podem formar um modelo perfeito do mundo – eles são abstrações que selecionam características que são importantes para uma finalidade, mas ignoram detalhes e complexidades que podem ser tão importantes para alguma outra finalidade. (SOWA, 1984, p. 344, tradução nossa).

Hjørland (2009) reconhece que a função básica dos conceitos é fixar partes da realidade no pensamento, linguagem e outros sistemas simbólicos que viabilizem a sua comunicação e reflexão. Porém, essa estabilidade funcional não significa que os conceitos não possam mudar. Assim, o contexto temporal deve ser considerado no estudo do conceito e o significado de um termo não pode ser algo perene, fixado definitivamente, pois os conceitos são dinâmicos e evoluem segundo a construção social do conhecimento.

Nessa perspectiva, os conceitos são estudados em relação a teorias e paradigmas coexistentes entre domínios e disciplinas do conhecimento. O significado de um **termo** não pode ser determinado apenas pelo seu uso no passado, mas também pelo seu futuro. O fundador do pragmatismo, Charles Sanders Peirce (1905), explica que

o significado racional de cada proposição reside no futuro. Como assim? O significado de uma proposição é em si uma proposição. De fato, não é muito diferente da proposição da qual significa: é uma tradução da mesma. Mas, das miríades de formas em que uma proposição pode ser traduzida, qual é a que pode ser chamada de o seu verdadeiro significado? Trata-se, de acordo com o pragmatismo, da forma na qual a proposição torna-se aplicável à conduta humana, e não em tais circunstâncias especiais, nem quando uma entretém este ou aquele projeto especial, mas a forma que é mais diretamente aplicável ao autocontrole em cada situação, e para todos os fins. É por isso que ele localiza o significado no tempo futuro; por a conduta futura ser a única conduta que está sujeita ao autocontrole. (PEIRCE, 1905, [427]).

Assim, Hjørland (2003) justifica o porquê de a epistemologia pragmática vincular o significado das palavras aos discursos e aos objetivos que os seres humanos tentam satisfazer por meio de suas ações.

Os relacionamentos entre conceitos são vistos por Hjørland (2007) como decorrentes de teorias e epistemologias que influenciam em proporções diferentes todos os campos do conhecimento. Por isso, Hjørland refuta o estabelecimento de relações semânticas por meio da aplicação de pressupostos universais e da descrição objetiva de características dos conceitos, argumentando que diferentes abordagens para a organização do conhecimento resultam em diferentes visões de relacionamentos semânticos.

Outra questão levantada por Hjørland (2007) é a possibilidade de elaborar uma lista exaustiva de tipos de relações semânticas. Segundo o autor, o número de relações semânticas é infinito porque qualquer tipo de relacionamento entre conceitos pode ser expresso por meio da linguagem, a qual não estabelece um limite para isso. Hjørland indica

ainda a possibilidade de que diferentes domínios do conhecimento desenvolvam, continuamente, novos tipos de relacionamentos entre conceitos.

Porém, na prática, somente um número limitado de relacionamentos genéricos é utilizado para a organização do conhecimento.

Hjørland (2007) observa que o problema básico da organização do conhecimento parte da premissa do estabelecimento *a priori* ou *a posteriori* das relações semânticas. Para o autor, os relacionamentos definidos *a priori* seguem a visão positivista do estudo do conceito e admitem a possibilidade do estabelecimento de significados universais e permanentes.

Já os relacionamentos entre conceitos definidos *a posteriori* seguem a visão pragmática de significados relativos e contextuais para domínios específicos do conhecimento.

Partindo dessa dualidade de percepções, Hjørland (2007) ressalta a importância do desenvolvimento de uma teoria de conceitos e semânticas, visto que as

relações semânticas se relacionam com uma determinada tarefa ou situação, e nem todos os usuários de um determinado conjunto de relações semânticas irá compartilhar a mesma visão de que os termos são equivalentes. Por outro lado, é claro que ao se basear uma teoria semântica em uma visão individualista/idiossincrática de conceitos e semântica, não é possível projetar sistemas para mais de um usuário ou situação – uma conclusão absurda. Precisamos de princípios mais estáveis em que se determinam as relações semânticas. Precisamos de uma teoria semântica sobre o significado de palavras como formas de práticas tipificadas. O conhecimento sobre a semântica das *práticas tipificadas* pode, então, ser utilizado por pesquisadores de informação, a fim de incluir ou excluir determinados documentos. (HJORLAND, 2007, p. 381, grifo do autor, tradução nossa).

O termo organização do conhecimento é abordado por Hjørland (2008) em sentido restrito, relacionado à ciência da informação, e em sentido mais amplo, vinculado à divisão social do trabalho mental:



Em um sentido restrito, Organização do Conhecimento (OC) refere-se a atividades, tais como descrição de documentos, indexação e classificação, realizadas em bibliotecas, bases de dados bibliográficas, arquivos e outros tipos de “instituições de memória”, por bibliotecários, arquivistas, especialistas em informação, especialistas em assunto, assim como por algoritmos de computador e leigos. OC como um campo de estudo se preocupa com a natureza e qualidade de tais processos de organização do conhecimento (POC), assim como os sistemas de organização do conhecimento (SOC) utilizados para organizar documentos, representação de documentos, obras e conceitos. [...] No sentido mais amplo, OC refere-se à divisão social do trabalho mental, ou seja, à organização das universidades e outras instituições de pesquisa e ensino superior, à estrutura de disciplinas e profissões, à organização social dos meios de comunicação, à produção e disseminação do “conhecimento”. (HJORLAND, 2008, p. 86, tradução nossa).

A partir dessas perspectivas, concordamos com Hjørland (2008) quando ressalta que descrições mais detalhadas do campo de organização do conhecimento dependem do ponto de vista teórico adotado, pois abordagens filosóficas diferentes sobre qualquer assunto têm implicações para os critérios de relevância, para as necessidades de informação e para os critérios de organização do conhecimento.

Hjørland (2008) apresenta e discute seis abordagens teóricas que analisam de modo diferente a organização do conhecimento: tradicional, análise facetada, recuperação da informação, orientada ao usuário, bibliométrica e análise de domínio. Para este estudo, consideramos a abordagem tradicional e a análise de domínio mais voltadas para as correntes filosóficas do positivismo e do pragmatismo, respectivamente.

Em seus estudos, Hjørland defende a abordagem pragmática da análise de domínio para a organização do conhecimento. Argumenta que essa

é a única abordagem para organização do conhecimento (OC) que examinou a sério questões epistemológicas do campo, ou seja, comparando as suposições feitas em diferentes abordagens para organização do conhecimento e examinando as questões relacionadas com a subjetividade e a objetividade em OC. Subjetividade não é apenas sobre as diferenças individuais. Tais diferenças são de interesse menor, porque elas não podem ser usadas como diretrizes para OC. O que parece importante são visões coletivas compartilhadas por muitos usuários. Um tipo de subjetividade sobre muitos usuários está relacionada a posições filosóficas. Em qualquer campo do conhecimento diferentes visões estão sempre em jogo. (HJORLAND, 2008, p. 95, tradução nossa).

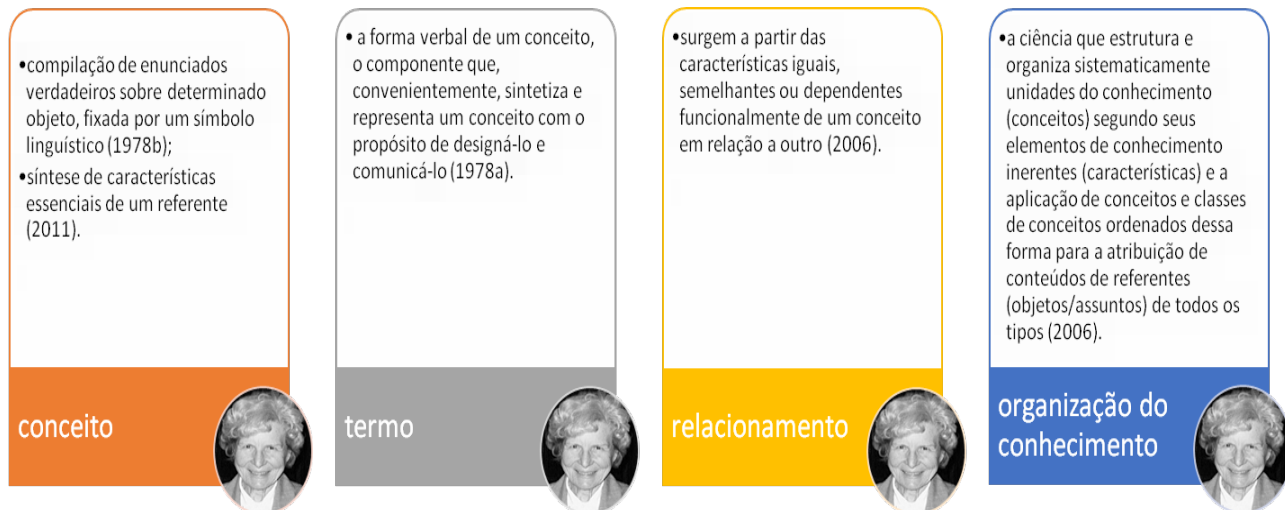
Percebemos a adesão de Hjørland ao pragmatismo em seu posicionamento epistemológico sobre o estudo do conceito em ciência da informação.

### **CONCEITO, TERMO E RELACIONAMENTO NAS VISÕES DE DAHLBERG E HJORLAND**

A identificação da influência das correntes positivista e pragmática no posicionamento epistemológico de Dahlberg e Hjørland no estudo do conceito na área de organização da informação e do conhecimento foi realizada por meio da análise da produção científica de Ingetraut Dahlberg e Birger Hjørland quanto aos elementos principais da representação temática da informação: conceito, termo e relacionamento, além da definição de cada teórico para o que considera organização do conhecimento. Os textos utilizados em nossa análise encontram-se no Apêndice A. A análise das concepções de Dahlberg e Hjørland sobre conceito, termo e relacionamentos semânticos encontra-se sintetizada nas figuras 1 e 2, respectivamente.

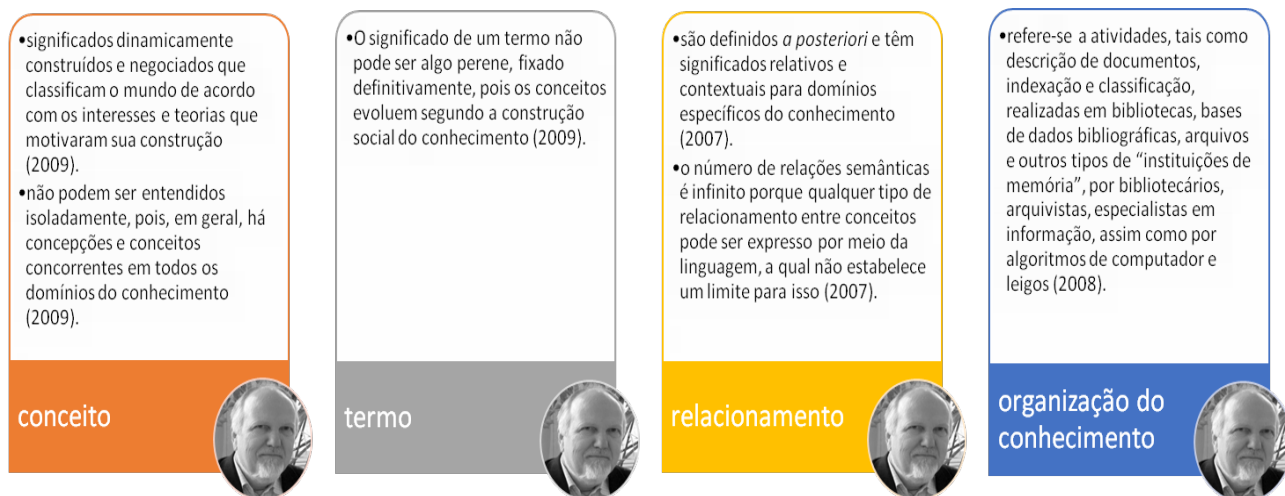
Em nossa análise observamos que os estudos de Dahlberg apresentam características do pensamento positivista lógico: objetividade, dogmatismo, essencialismo e o representacionismo. Ao definir conceito como unidade de conhecimento, Dahlberg busca, a partir de fundamentos lógicos, a síntese de características essenciais de um

Figura 1 - Visão de Ingetraut Dahlberg



Fonte: Produção das autoras.

Figura 2 - Visão de Birger Hjørland



Fonte: Produção das autoras.

referente. Dahlberg acredita em uma representação objetiva do conceito por meio da compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto.

Já Hjørland define conceito como uma construção social e cultural, cujos significados são dinamicamente construídos e negociados a partir da sua vivência em diálogos específicos. Seguindo a linha pragmatista, Hjørland considera que há uma diversidade de ângulos para classificar o mundo por meio do tecido coletivo dos discursos e, por isso, critica a universalidade dos conceitos definidos por princípios *a priori*.

Ambos os pesquisadores reconhecem que os conceitos são o elemento principal dos sistemas de organização do conhecimento. Concordam também que os conceitos são comunicados, sintetizados e representados por um símbolo linguístico (termo). Porém, divergem quanto aos relacionamentos semânticos.

Enquanto Dahlberg indica vários tipos de relacionamentos entre conceitos que surgem a partir das características iguais, semelhantes ou dependentes funcionalmente de um conceito em relação a outro, Hjørland considera que o número de relacionamentos semânticos é infinito devido à linguagem não limitar as possibilidades de relacionamentos que possam existir entre conceitos.

Além disso, Hjørland argumenta que diferentes abordagens para a organização do conhecimento resultam em diferentes visões de relacionamentos semânticos. Assim, Hjørland propõe a ampliação do escopo de análise dos conceitos na ciência da informação, tendo em vista os diferentes posicionamentos epistemológicos da teoria do conceito: empirismo, racionalismo, historicismo e pragmatismo. Ressalta que a organização do conhecimento não pode ser feita apenas por meio da aplicação de pressupostos universais e da descrição objetiva de características dos conceitos.

É preciso uma análise de domínio do conhecimento baseada na filosofia da ciência, na sociologia e na história do discurso das comunidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática irrefletida da organização do conhecimento sem considerar as influências das teorias epistemológicas para a representação por conceitos é um problema a ser superado na ciência da informação. Os princípios teóricos influenciam as diferentes formas de concepção dos conceitos, termos e relacionamentos – elementos principais da representação temática da informação – em qualquer sistema de organização do conhecimento. Por isso, contrastamos duas abordagens teóricas que influenciaram a filosofia contemporânea e a epistemologia da ciência da informação: positivismo lógico e pragmatismo.

Consideramos os teóricos Ingetraut Dahlberg e Birger Hjørland como representantes das correntes filosóficas do positivismo lógico e do pragmatismo, respectivamente, nos estudos epistemológicos da organização do conhecimento. Porém, sabemos que o enquadramento de teóricos em uma corrente filosófica específica é passível de questionamentos, pois o desenvolvimento de seus estudos sofre influência de diversas correntes. Por isso, o enquadramento de Dahlberg como positivista e de Hjørland como pragmatista foi feito apenas para fins de estruturação e conceituação dessas abordagens no escopo dos estudos do conceito na ciência da informação.

A presença da abordagem positivista reflete a busca pela representação ideal do conhecimento sob a perspectiva da lógica da objetividade. Há a preocupação em resgatar a essência inalterável do significado de um termo por meio de sua descrição precisa em um sistema de organização do conhecimento. A adesão à abordagem positivista é imprescindível para garantir interoperabilidade, estabilidade, segurança e ordem à estrutura conceitual de qualquer sistema de informação.

O pragmatismo representa a necessidade de considerar a influência do contexto cultural para a organização do conhecimento. Nessa abordagem busca-se o significado que há no uso dos termos em um universo específico do discurso. O conhecimento é analisado em sua dimensão social, considerando a dinâmica contextual e instável do processo de comunicação entre indivíduos. A importância da abordagem pragmática consiste na possibilidade de construir uma estrutura contextual e flexível para a representação do conhecimento.

A adesão a diferentes correntes filosóficas justifica-se pelo fato de serem complementares nas questões relacionadas à organização do conhecimento. Ressaltamos que não há oposição, mas sim a convivência de abordagens teóricas numa busca pela compreensão dos complexos processos de organização do conhecimento.

Assim, entendemos a coexistência de abordagens teóricas como uma relevante contribuição para a prática da organização do conhecimento, pois a complexidade e a interdisciplinaridade do estudo do conceito demandam perspectivas epistemológicas diversas, como a positivista e a pragmática, para análise dos conceitos e relacionamentos semânticos em diferentes contextos sociais e culturais.



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 1014p.
- ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. *Enc. Bibl.: R. Eletr. Bib.Ci. Inf.*, Florianópolis, n. 15, p. 18-40, 2003.
- ARAÚJO, C.A.A. A Ciência da Informação como ciência social. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRÄSCHER, M.; CARLAN, E. Sistemas de organização do conhecimento: antigas e novas linguagens. In: ROBREDO, J.; BRÄSCHER, M. (Org.). *Passeios pelo bosque da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento*. Brasília: IBICT, 2010. cap. 8.
- CAMPOS, M.L.A. *Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração*. Niterói: EdUFF, 2001. 133 p.
- CAPURRO, R. Epistemologia y ciencia de la información. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.
- DAHLBERG, I. A referent-oriented, analytical concept theory for interconcept. *Intern. Classificat.*, v. 5, n. 3, p. 142-151, 1978a.
- \_\_\_\_\_. Teoria do conceito. Tradução Astério Tavares Campos. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978b.
- \_\_\_\_\_. *Definitionen aus dem Begriffsfeld Wissensorganisation*. 2006. Disponível em: <[http://www.iva.dk/bh/lifeboat\\_ko/CONCEPTS/knowledge\\_organization\\_Dahlberg.htm](http://www.iva.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/knowledge_organization_Dahlberg.htm)>. Acesso em 24 maio 2013.
- \_\_\_\_\_. How to improve ISKO's standing: ten desiderata for knowledge organization. *Knowl. Org.*, v. 38, n. 1, p. 68-74, 2011.
- \_\_\_\_\_. A systematic new lexicon of all knowledge fields based on the Information Coding Classification. *Knowl. Org.*, v. 39, n. 2, p. 142-150, 2012.
- FRANCELIN, M.M. *Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento*. 2010. 220 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- \_\_\_\_\_.; KOBASHI, N. Y. Concepções sobre o conceito na organização da informação e do conhecimento. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 40, n. 2, p. 207-228, maio/ago., 2011.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. Comentários ao artigo “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia”. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 44-56, set./dez. 1996.
- HJORLAND, B. *Information seeking and subject representation: an activity-theoretical approach to information science*. Westport: Greenwood Press, 1997. 213 p.
- \_\_\_\_\_. Fundamentals of knowledge organization. *Knowl. Org.*, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.
- \_\_\_\_\_. Semantics and knowledge organization. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 41, p. 367-405, 2007.
- \_\_\_\_\_. What is Knowledge Organization (KO)? *Knowl. Org.*, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008.
- \_\_\_\_\_. Concept theory. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 60, n. 8, p. 1519-1536, 2009.
- \_\_\_\_\_.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in Information Science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.
- PEIRCE, C.S. What pragmatism is. *The Monist*, v. 15, n. 2, p. 161-181, Apr. 1905. Disponível em: <<http://www.anthro.ucsd.edu/~jhaviland/LanguageCulture/READINGS/PericeWhat%2520Pragmatism%2520Is.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2013.
- SALDANHA, G.S. Ipásia e a Ciência da Informação no território das humanidades: a virada linguística informacional em um diálogo entre Rorty e Habermas. *Rev. Ci. Inf. DataGramaZero*, v. 12, n. 2, abr. 2011. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/abr11/Art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/abr11/Art_03.htm)> Acesso em: 3 maio 2013.
- \_\_\_\_\_. Tradições epistemológicas nos estudos de organização dos saberes: uma leitura histórico-epistêmica a partir da filosofia da linguagem. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 300-315, set. 2010.
- \_\_\_\_\_. *Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein*. 2008. 337 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- SALES, R. Suportes teóricos para pensar linguagens documentárias. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 5, n. 1, p. 95-114, jul./dez. 2007.
- SOWA, J.F. *Conceptual structures: information processing in mind and machine*. Reading: Addison Wesley, 1984. 481 p.

## APÊNDICE A

- DAHLBERG, I. A referent-oriented, analytical concept theory for interconcept. *Intern. Classificat.*, v. 5, n. 3, p. 142-151, 1978a.
- DAHLBERG, I. A systematic new lexicon of all knowledge fields based on the Information Coding Classification. *Knowl. Org.*, v. 39, n. 2, p. 142-150, 2012.
- DAHLBERG, I. Concepts and terms: ISKO's major challenge. *Knowl. Org.*, v. 36, n. 2/3, p. 169-177, 2009.
- DAHLBERG, I. *Definitionen aus dem Begriffsfeld Wissensorganisation*. 2006a. Disponível em: <[http://www.iva.dk/bh/lifeboat\\_ko/CONCEPTS/knowledge\\_organization\\_Dahlberg.htm](http://www.iva.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/knowledge_organization_Dahlberg.htm)>. Acesso em: 24 maio 2013.
- DAHLBERG, I. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. Tradução Astério Tavares Campos. *R. Bibliotecon. Brasília*, Brasília, v. 6, n. 1, p. 11-21, 1978c.
- DAHLBERG, I. How to improve ISKO's standing: ten desiderata for knowledge organization. *Knowl. Org.*, v. 38, n. 1, p. 68-74, 2011.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization and terminology: philosophical and linguistic bases. *Intern. Classificat.*, v. 19, n. 2, p. 65-71, 1992.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: a new science? *Knowl. Org.*, v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006b.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. *Knowl. Org.*, v. 20, n. 4, p. 211-214, 1993.
- DAHLBERG, I. *Ontical structures and universal classification*. Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment for Library Science, 1978d. 64 p.
- DAHLBERG, I. Teoria do conceito. Tradução Astério Tavares Campos. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978b.
- HJORLAND, B. *Concept in Knowledge organization*. In: \_\_\_\_\_. Lifeboat for knowledge organization. 2008. Disponível em: <[http://www.iva.dk/bh/lifeboat\\_ko/CONCEPTS/concept\\_in\\_knowledge\\_organization.htm](http://www.iva.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/concept_in_knowledge_organization.htm)>. Acesso em: 29 out. 2012.
- HJORLAND, B. Concept theory. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 60, n. 8, p. 1519-1536, 2009.
- HJORLAND, B. Concepts, paradigm and knowledge organization. In: GNOLI, C.; MAZZOCCHI, F. (Ed.). *Paradigms and conceptual systems in knowledge organization: proceedings of the eleventh International ISKO Conference*. Rome: Ergon Verlag, 2010. p. 38-42.
- HJORLAND, B. Deliberate bias in Knowledge organization? *Advances in Knowledge Organization*, v. 11, p. 256-261, 2008. Disponível em: <<http://arizona.openrepository.com/arizona/handle/10150/105188>>. Acesso em: 2 jun. 2013.
- HJORLAND, B. *Discussion of Dahlberg's theory of concepts and knowledge organization (KO)*. In: \_\_\_\_\_. Lifeboat for knowledge organization. 2007. Disponível em: <[http://www.iva.dk/bh/lifeboat\\_ko/CONCEPTS/discussion\\_of\\_dahlberg.htm](http://www.iva.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/discussion_of_dahlberg.htm)>. Acesso em: 29 out. 2012.
- HJORLAND, B. Domain analysis: a socio-cognitive orientation for information science research. *Bulletin of the American Society for Information Science and Technology*, v. 30, n. 3, p. 17-21, 2004.
- HJORLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002.
- HJORLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. *Knowl. Org.*, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.
- HJORLAND, B. *Information seeking and subject representation: an activity-theoretical approach to information science*. Westport: Greenwood Press, 1997. 213 p.
- HJORLAND, B. Semantics and knowledge organization. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 41, p. 367-405, 2007.
- HJORLAND, B. What is Knowledge Organization (KO)? *Knowl. Org.*, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008.
- HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in Information Science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.